

# REFLEXÕES SOBRE FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA: É POSSÍVEL AJUDÁ-LAS?

Sonia Beatriz Sodré Teixeira<sup>1</sup>

---

Falar hoje de Violência Familiar é tocar num campo bastante complexo, cheio de desafios para os profissionais e pesquisadores que se debruçam sobre tema tão contemporâneo. Apesar das dificuldades, nota-se um amplo esforço não só das comunidades acadêmicas e centros de pesquisas, mas também dos profissionais ligados a área de Saúde em geral, e da Clínica em particular, em compreender este fenômeno, traçar estratégias para combatê-lo, criar serviços e equipes interdisciplinares que possam acolhê-lo e adequadamente tratá-lo.

Uma das preocupações sentidas por especialistas nesta área tem sido a de dar maior visibilidade a este problema que aqui, conceituado como de natureza interpessoal, atinge sobremaneira não só as pessoas diretamente envolvidas, mas todas as que estão em torno delas e por isto igualmente afetadas pela situação. Neste sentido, saímos de um olhar dicotômico autor da agressão / vítima, para uma posição mais englobadora e dinâmica que privilegia todas as relações presentes dentro de um sistema familiar. Assim, a violência nunca está só de um lado, pois é, a nosso ver, um dos atos mais interpessoais que existe; tem sempre alguém que a solicita, alguém que a executa, alguém que reage a ela, alguém que a alimenta, e assim por diante.

José Gregori, então Secretário dos Direitos Humanos, afirmou na conferência de abertura do Congresso Internacional Família e Violência (1999, Florianópolis): "*A Violência Doméstica é outro capítulo dessa violência mais ampla que precisamos atacar; é aquele*

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Saúde, UFRJ. Professora do Departamento de Serviço Social PUC-RIO.

*tipo de violência que acontece entre quatro paredes; o marido agredindo a mulher, a mulher e o marido tratando mal os filhos; a mulher, o marido e os filhos tratando mal os avós e os avós tratando mal os empregados. Quer dizer, é uma linha de produção da violência, é na família que a violência acontece...”*

Ravazzola(1997) define violência familiar *“quando una persona físicamente más débil que outra, es víctima de abuso físico o psíquico por parte de outra. A los actos mismos se suman las condiciones en que se producen, que son de tal naturaleza que resulta difícil implementar recursos de control social capaces de regular e impedir esas prácticas, las que , por lo tanto, tiendem a repertise”*.

Chauí (1986) chama a atenção para uma outra forma de violência: a silenciosa, que se concretiza no cotidiano familiar sem alarde, ou marcas visíveis, porém danosa para as pessoas envolvidas no que se refere a destruição de sua auto-estima e dignidade. Através de uma relação contínua, baseada na assimetria e desigualdade e tendo como finalidade a dominação, as pessoas que as sofrem são tratadas não como seres humanos, mas como coisas.(Chauí 1986, Miler, 1999).

Como já apontado acima, atualmente o tema da violência tem se constituído em objeto de estudo e pesquisa de diversas ciências, notadamente a Antropologia, Serviço Social e Psicologia; mesmo assim, ainda são poucas as publicações que enfocam a questão da dinâmica familiar. De um modo geral o que se observa é que estes estudos têm como foco traçar o perfil do vitimado, bem como de seus agressores, os tipos de violência, o número de denúncias feitas aos Conselhos Tutelares, enfim, informações importantes para se traçar um quadro epidemiológico da violência doméstica no Rio de Janeiro, mas não suficientes para a compreensão qualitativa de um funcionamento familiar que certamente está comprometido com a situação. Isto equivale a dizer que a ênfase dos trabalhos publicados tem se pautado na investigação ou na avaliação quantitativa da violência contra a criança ou adolescente, na comprovação de denúncias, deixando de lado aspectos relacionais, emocionais e psicossociais envolvidos na questão. A citação a seguir, feita pela equipe do ambulatório de Atendimento à Família do Hospital Pediátrico da UFRJ, confirma

esta posição; “para tratar da violência na família é preciso adotar uma abordagem que alguns autores qualificam como empática (Geller, 1997), o que não implica em endossar ou minimizar a responsabilidade do agressor, mas sim em entender o ato violento como resultado de elementos associados à dinâmica da família, contribuindo para precipitar conflitos que culminam na explosão da violência... se incorreremos no simplismo da culpabilização, corremos o risco de exercer nós mesmos uma violência que pode ter efeitos iatrogênicos”. (Anais do Congresso Internacional Família e Violência, 1999).

Falar de violência familiar também nos remete à necessidade de melhor conceituarmos Família, dada a sua complexidade e relevância para o assunto em pauta. Definida aqui como uma construção sócio-cultural que se transforma, agregando elementos novos, liberando-se de outros, alterando no tempo e no espaço os seus modelos e padrões, ela necessariamente sai do entendimento como entidade natural, estática, definitiva e fechada. Isto quer dizer que compreendemos família como construída dentro de contextos históricos específicos, que lhes dão características culturais peculiares de acordo com os valores, as crenças e os hábitos vigentes. Um elemento que aparece nas definições clássicas de família diz respeito ao critério de consangüinidade como definidor de pertencimento ao grupo. Na modernidade, este elemento perde sua força, se torna pouco relevante, aparecendo então com maior nitidez a presença dos vínculos afetivos e de solidariedade como fundamentais à construção e permanência da família. Certamente não estamos alheios aos diferentes critérios para defini-la, como por exemplo, o de coabitação, laços de parentesco, nome de família, assim como aos diferentes olhares teóricos que, enxergam a família sobre perspectivas e ângulos diferenciados; todos eles são pertinentes e nos ajudam a ampliar nossa visão sobre este grupo tão peculiar. Esta perspectiva mais flexível põe em evidência o fato de que ela não cabe mais dentro de um único modelo e de que as várias formas de organização familiar devem ser consideradas.

Uma outra consideração a ser feita diz respeito ao caráter “sagrado” da família, que por muito tempo impediu o acesso dos profissionais em seu interior, e o conseqüente desvelamento de

uma realidade irrefutável. Recentemente aproximações foram sendo possíveis, no sentido de se perceber que a família tanto pode ser um espaço que possibilita a proteção e o afeto como também um lugar de opressão e violência. Ou seja, os laços familiares podem servir para acolher, proteger e também abusar e maltratar. Alcançar o equilíbrio entre sentimentos positivos e negativos, de modo a permitir a construção da identidade e da diferenciação é que se constitui nos desafios maiores das relações familiares. Acredita-se que todos nós somos capazes de atuar com extrema violência, segundo as circunstâncias a que estamos expostos. O que preocupa é quando ela se torna o padrão predominante, causando danos a todos os seus componentes.

De alguma forma, a necessidade de se ter uma perspectiva plural e flexível, adotada aqui com a idéia de família, também se aplica ao tema da violência; se inicialmente a pensamos como genérica, homogênea e por vezes única, hoje se impõe um olhar voltado para a pluralidade de formas pelas quais este fenômeno se manifesta, seus diferentes tipos de expressão dentro de contextos familiares diversos. Assim, uma ação pode ser considerada violenta dentro de uma determinada cultura. Um padrão específico de socialização dos filhos, por exemplo, pode ser visto como altamente autoritário e opressor para um sistema cultural, e altamente valorizado quando inserido em outra cultura; esta diversidade é que nos impede de lidar com os fenômenos relacionais à partir de uma única referência cultural.

Encontramos em alguns autores da literatura específica sobre o assunto (Guerra, 1985; Saffioti, 1995 Azevedo e Guerra, 1995) uma preocupação crescente com a necessidade dos profissionais revisarem suas próprias idéias sobre família e violência, na medida em que tropeços e riscos podem acontecer, caso não haja um processo reflexivo que os ensinam a relativizar a realidade com a qual estão trabalhando e a considerarem que são influenciados e influenciam aquilo que desejam observar: as idéias, as atitudes, as reações e emoções dos agentes certamente têm um papel preponderante nas resoluções que podem variar muito segundo a identidade do profissional em cena.

Ravazzola (1999) também tem chamando a atenção para a responsabilidade das instituições com propostas de atendimento familiar que, muitas vezes, em nome da proteção à criança e ao adolescente, tomam medidas radicais de afastamento da criança ou do adulto agressor, do seu núcleo familiar, sem perceber que isto pode representar uma segunda forma de violência. Na verdade, há uma linha de profissionais que acredita na necessidade do distanciamento físico-emocional imediato entre as pessoas envolvidas na situação assim que ela se apresenta, visando à diminuição de riscos futuros. Segundo a autora, esta posição deixa de considerar outros fatores presentes nos relacionamentos familiares como afetividade, os laços de dependência, a convivência estreita ou qualquer outro elemento positivo presente na dinâmica familiar que certamente ficam abafados quando eclode uma interação violenta. Os “tesouros escondidos” (Genicovik, 1995) ou seja, os recursos potenciais de cada um e do grupo como um todo, devem ser acionados e mais do que isso, devemos acreditar que eles existem para que se promova intervenções baseadas na promoção de mudanças. Sabemos o quanto isto vai depender da crença ou não no potencial de transformação das pessoas envolvidas. Nunca é demais lembrar que o princípio básico de proteção a criança e ao adolescente deve ser prioritário, nem sempre a proteção pressupõe afastamento e sim a promoção de encontros, conversas, reflexões conjuntas criando-se um polo de ajuda, através de um processo reflexivo.

A idéia, então, de oferecer um suporte social e um acolhimento social às famílias que vivem relacionamentos violentos é fundamental, pois sabemos do impacto que a situação de violência traz para todo grupo familiar, independente das pessoas mais diretamente atingidas. As repercussões nas dinâmicas conjugais, fraternais, com a família de origem, vizinhos mais próximos ou mesmo no funcionamento geral da casa é bem visível afetando profundamente o exercício dos papéis familiares e sociais.

O nosso trabalho de atendimento clínico, no Ambulatório Infante Juvenil do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, com famílias em situações de violência, tem mostrado que muitas vezes o “pacto

de silêncio” que se forma em torno das experiências traumáticas e dos sentimentos hostis (raiva, medo, culpa, etc.) aliado à permanência de contextos tensos, muitas vezes impossibilita a recuperação de uma dinâmica mais funcional. A idéia básica de pôr a família para falar, se comunicar, restabelecer contatos, sair do isolamento social através da criação de espaços terapêuticos para todo o grupo atingido, torna-se fundamental. Desconstruir algumas idéias e construir outras, modificar padrões repetitivos disfuncionais e criar novas alternativas de funcionamento, negociar o poder autoritário substituindo-o pela autoridade, são alguns dos objetivos destes espaços reflexivos.

Seja como for, sempre há uma pergunta que não se cala: o que fazer com as marcas deixadas pela violência? Os caminhos podem ser diversos e a ajuda de diferentes tipos, mas com certeza o enfoque centrado na família tem se mostrado útil e eficaz na medida em que ajuda na transição de um contexto destrutivo para um construtivo, dentro de uma perspectiva de reparação dos vínculos afetivos.

Cabe ressaltar que, a nosso ver, o trabalho com famílias em situação de violência pressupõe o valor da multidisciplinariedade, conjugando, prioritariamente, ações de diferentes disciplinas (Serviço Social, Psicologia, Direito, etc.) em prol de uma visão mais completa da situação apresentada. A cooperação atrelada a uma finalidade comum, configura um trabalho integrado onde se conta com a disponibilidade dos profissionais de se articularem.

Um outro elemento importante a ser considerado é o do resgate da rede social e de apoio a família extensa, geralmente inexistentes nos contextos onde o grupo familiar se insere. De um modo geral, o trabalho de rede pode organizar as experiências coletivas sob forma de ajuda mútua, fazendo com que o sujeito passe a ser compreendido e a se sentir como fazendo parte de uma cadeia cada vez maior de relações e informações que permitam transformações, não só no espaço pessoal e familiar, mas também no contexto social. Segundo Sluski (1995) são funções da rede: propiciar companhia social compartilhando vivências e sentimentos, apoio emocional, ajuda material e de serviços, e acesso a novos contatos. Se levarmos em conta que

um dos grandes desafios do trabalho com violência familiar é o de se romper com o isolamento familiar e social que se impõem, o trabalho dentro dessa perspectiva torna-se prioritário.

## Bibliografia:

- ANAIS do Congresso Internacional Família e Violência Florianópolis 19 a 23 de abril de 1999. Texto e Contexto – Universidade Federal de Santa Catarina.
- AZEVEDO, M. A. e GUERRA V. DE A. *Violência doméstica na infância e na adolescência*. São Paulo, Rde Editorial, 1995.
- BRUSCHINI, Cristina. Teoria Crítica da Família. In *Infância e Violência Doméstica: fronteiras do conhecimento*. Coletânea Ed. Cortez, 1993.
- CADERNOS IPUB. *Família, redes sociais e práticas terapêuticas*. nº 16 , 1999. Instituto de Psiquiatria, UFRJ.
- CHAUÍ, Marlene. Participando do debate sobre mulher e violência. In *Perspectivas da mulher*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1986. Fundação Getúlio Vargas. *A Família Ameaçada – violência doméstica nas Américas*. Banco Interamericano de desenvolvimento , 2000.
- GELLES, RJ – *Intimate violence in families*. California, Lage publications, 1997.
- GENIJOVICH, Ema. *Um salto para la complejidad*. Dialogo sobre clase social. Mimeo.
- GUERRA. Viviane N. de Azevedo. *Violência contra filhos. Procuram-se vítimas*. São Paulo, Editora Cortez, 1985.
- MILLER, Mary Susan. *Feridas invisíveis: abuso não físico contra mulheres*. Rio de Janeiro, Editora Summer, 1999.
- RAVAZZOLA, Maria Cristina. *Histórias Infames los maltratos em lãs relaciones*. Pai dós Terapia Familiar, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Alguns dilemas em el campo de la violencia familiar: comentando por el primeiro la familia como espacio paradosal de amor y violencia*, 1997.
- SAFFIOTI, W. I. B. *Violência de gênero: Poder e impotência*. Rio de Janeiro, Editora Revinter, 1995.